



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

EXPERIÊNCIA PARTICULAR DE UM HISTORIADOR NO SEU TEMPO

Maria do Amparo Alves de Carvalho*

1

A elaboração desse artigo trouxe muitas histórias entrelaçadas e cada uma emana uma importância singular. Relembrar aspectos da minha história pessoal é apenas ilustrativo de como esse exercício acendeu uma centelha à minha frente. No princípio do doutorado, os acontecimentos foram se processando, e ao tempo em que os mesmos foram se intercambiando, traziam à memória histórias impregnadas de angústias e inquietações teóricas e metodológicas que perpassaram a minha formação acadêmica. À medida que graus de formação foram sendo galgado, o território investigativo também foi se expandido como se fossem *flashes* de luz que progressivamente proporcionaram maior maturação intelectual. Ao longo das discussões em torno dos conteúdos da História Oral, aquele conhecimento que já era familiar se expandiu e ganhou um contorno límpido. O desenvolvimento da percepção se ampliava de forma a assemelhar-se a uma luz que penetra em um túnel, iluminando caminhos e abrindo possibilidades e, nesse caso, como forma de escapar das armadilhas teóricas e metodológicas do velho paradigma¹ e poder, então, ensaiar um novo enredo, para

* Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

¹ Essa referência ao “velho paradigma” está relacionada à narrativa de um acontecimento histórico com base apenas nos dados oficiais considerados como fontes verdadeiras.

descortinar um novo tema que se aviltava à minha frente: a Batalha do Jenipapo² Aqui, ocorreu um grande *insight*. Essa clareza epistemológica logo no princípio do curso significava conseguir de imediato um passaporte para experimentar o voo da Águia³. O desafio agora era, então, voar. Antes, porém era preciso criar asas.

Essa pretensão epistemológica foi algo sempre recorrente e sucessivamente pertinente em projetos de pesquisa anteriores. No princípio do doutorado, à escolha das disciplinas, as diferentes opções me conduziram pelas intuições surgidas no contexto das circunstâncias. Foi quando me encontrei diante da possibilidade de cursar novamente a disciplina História Oral, que parecia indicar uma perspectiva diferenciada, quando assinalava para uma análise da teoria e metodologia na abordagem qualitativa⁴. Sem outra opção, porém, depois dos embaraços, consegui superar essa fase com equilíbrio, e a aprendizagem, assim como os resultados benéficos, apareceu depois da abertura para aprender com os descaminhos e poder usufruir das múltiplas possibilidades que o novo caminho conduzia.

Esse exemplo pessoal tem um contraponto com a experiência relatada por Arno na entrevista, quando ressaltou um episódio da sua adolescência ocorrido no internato onde cursou o ginásio. No Colégio interno, Sinodal⁵, cada interno tinha sua sala de estudo individual. No início do ano letivo, a coordenação, ao fazer o quadro com os nomes dos alunos para distribuí-los em seus respectivos espaços de estudo, o nome do jovem Arno não constava em nenhuma sala. Ele estava desprovido de ambiente para estudo individual, porém, ao mencionar o fato para seu professor, o mesmo deliberou colocá-lo de forma provisória na biblioteca, para também ajudar nos serviços daquele setor. As consequências desse episódio lhe proporcionaram benefícios intelectuais inigualáveis, como a possibilidade de ler noventa livros em um ano. Esse é um fato notável na vida de um jovem com menos de 16 anos de idade. Segundo ele, a categoria

² Guerra ocorrida em 13 de março de 1823, às margens do Rio Jenipapo no Município de Campo Maior, no Estado do Piauí, objeto de investigação dessa pesquisadora.

³ BOFF, Leonardo. A águia e a galinha, a metáfora da condição humana. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

⁴ MORAES, Roque & GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva. Ijuí: Editora Inijuí, 2007.

⁵ Colégio interno de fundação luterana situado no Município de São Leopoldo – RS, instituição na qual o Professor Arno fez o curso ginásio.

dos livros lidos configurava-se entre os romances históricos. Tal oportunidade lhe conduziu a uma viagem no tempo e na cultura, possibilitando-lhe uma profunda identificação com leituras essenciais que despertaram sua imaginação adolescente e forneceram-lhe uma significativa compreensão da narrativa histórica. Esse fato logrou-lhe importância expressiva, sustentando e alicerçando uma formação profissional satisfatória.

Tal relação com a biblioteca, que, segundo o seu professor, seria provisória, se prolongou por cinco anos. Essas particularidades certamente fizeram o diferencial na sua vida acadêmica e contribuíram de forma substancial para o seu dinamismo intelectual e profissional. Como ele bem frisou, “as conquistas estão relacionadas com as escolhas que fazemos”. Com isso, compreendo que ele está construindo um legado que servirá de parâmetro para outras gerações, de modo a indicar como devemos perpetrar as melhores escolhas, buscando certa sintonia com o contexto de avanços e recuos na respectiva área de formação acadêmica.

Com um exemplo vasto e amplo, a abrangência do seu testemunho perpassa as astúcias de um historiador na dinâmica do sistema universitário brasileiro, desencadeando o fluxo de uma vida pessoal e intelectual perpassada pelo empenho político e o metiê do historiador, conferindo um brio ético à sua carreira profissional.

No entanto, antes de prosseguir com esses aspectos, retomarei a já citada inquietação epistemológica, agora motivada pela abordagem da análise textual que possibilitou a agregação de novos elementos paradigmáticos essenciais à minha prática de pesquisadora. Esse aprendizado resultou na formulação de uma síntese, a qual intitulei de “o caminho da minha narrativa”. A inquietação na procura por essa via da narração foi encaminhada, em parte, a partir do encontro com a metodologia da análise textual e com a abordagem filosófica da História em uma perspectiva de superação dos limites da formação acadêmica, principalmente quando muitas gerações de estudantes de escolas públicas no Brasil ainda não possuem o material didático básico para desenvolver suas atividades acadêmicas.

Sobre essas deficiências que pairam no universo educacional brasileiro, o professor Arno lamenta, pois, para ele, muitos alunos que chegam à graduação com desejos de aprender História terão que fazer um esforço muito grande para superar

deficiências da formação. Ele também experimentou essa fase, mas com particularidades diferenciadas, pois os professores do seu curso não possuíam formação acadêmica em História na sua grande maioria e, ao contrário da formação ginásial de algumas gerações de estudantes brasileiros, a qual praticamente não contemplava o estudo da História, ele declarou que: “quando eu entrei pra Universidade para fazer História eu já sabia História, eu apenas aprofundei o estudo”⁶.

Esse foi um fato notável, entretanto existem alguns detalhes que ressaltam uma perspectiva de grandes horizontes, pois ele se perguntava: “quais exemplos podem me inspirar”? Os exemplos vinham dos próprios professores, daqueles que se dedicavam à sua profissão. Sobre essas questões, já ouvi outros professores também admiráveis, que tiveram a mesma postura. Essa constante recorrência só pode ser um sinal, ou melhor, só pode ser um indício⁷ fundamental. E como bem frisou esse ilustre intelectual, “nunca deixe de subir no cavalo encilhado”. Dessa forma, sinto-me galopando no meu cavalo.

Agora, pretendo fazer essa viagem na tentativa de perceber até onde esses indícios vão me levar: como uma boa detetive que toda historiadora deve ser. Considero-me nesse momento como tal, ou como uma caçadora, e a presa já está no laço. A presa aqui é o caminho da narrativa pela análise textual e filosófica da História. E esse caminho está apreendido, apenas existe uma distância entre o caçador e a sua caça e é preciso certa habilidade para mantê-la viva sem que ela escape das mãos e da percepção. Somos sempre caçadoras iniciantes que precisam adquirir habilidades em um novo ofício, o de caçar: talvez o mais antigo dos ofícios humanos, assim como o ofício do historiador, de contador de histórias.

Penso que as metáforas do caçador e do detetive trabalhadas por Ginzburg⁸ sejam bastante compatíveis nessa aventura textual, uma vez que, no ofício do historiador, se desencadeia uma série de operações mentais, racionais e lógicas, além de

⁶ Arno Alvarez Kern. *Entrevista concedida ao Núcleo de História Oral da PUCRS*. Porto Alegre - RS, mai. 2011.

⁷ GINBURG, Carlo. SINAIS: raízes de um paradigma indiciário. IN: *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. Tradução: Frederico Carotti. - São Paulo: Companhia das Letras. 1989. p. 168ss.

⁸ GINZBURG, Carlo. SINAIS: raízes de um paradigma indiciário. IN: *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. Tradução: Frederico Carotti. - São Paulo: Companhia das Letras. 1989. p. 145;151ss.

outras, como a intuição, a observação e a percepção. Nessa perspectiva, o historiador assemelha a esse caçador-detetive, tal postura requer certa habilidade para reunir esses dois caracteres para ampliar seu ofício, especificamente no contexto do novo milênio.

Quando me pus a elaborar o projeto da entrevista com o Professor Arno, este me parecia apenas o cumprimento de uma tarefa pertinente àquela disciplina. Naquele momento, quando eu via meus colegas comprometidos com os sujeitos da sua pesquisa, tinha a sensação de cumprir uma atividade apenas formal. Porém, pensei comigo mesma: devo então procurar uma forma de extrair o melhor possível dessa experiência. Os contatos com o professor foram acontecendo por e-mail e eu já estava tentando imaginar uma segunda opção caso ocorresse algum imprevisto ou justificativa para não realizar a entrevista.

Contudo, a sua disponibilidade para tal empreendimento me surpreendeu. Percebi a importância daquele momento pela forma como ele se preparou para tal. Agora o entendo quando afirmou que “sempre monta no cavalo encilhado” que passa à sua frente. A entrevista teve seu tempo de preparação: conhecimento do projeto, levantamento de ideias, locação de material do Laboratório de Imagem e Som, agendamento do local, data, colaboradores. Parecia algo já certo para acontecer: ele certo de que iria fazer a entrevista e eu certa que iria entrevistá-lo. Tive a sensação como se a vida houvesse preparado aquele momento para o nosso encontro entrevistado/entrevistador orientador/orientanda falando sobre o tema da educação que fez suscitar lembranças muito profundas e importantes de ambas as partes. Uma dinâmica contínua entre sujeito e objeto. A impressão é que, nesse tipo de experiência, as palavras não dão conta de expressar as sensações e vivências que ocorrem de maneira muito particular entre entrevistado e entrevistador. Arno possui habilidades de um perito na arte das relações humanas, qualidade esta que falta a muitos educadores, sobretudo depois que adquirem seus títulos de mestrado e doutorado.

Depois de cumprir esse ritual de preparação, tudo estava encaminhado para a entrevista, então pensei que só faria alguma intervenção se houvesse realmente necessidade. Deixei os fatos fluírem. Sua gentileza e simplicidade foram me deixando aos poucos mais à vontade em frente àquele professor que há anos conhecia apenas através das pesquisas realizadas na região das missões, um lugar que sempre me atraiu e

fascinou. Imaginava conseguir, por meio do seu depoimento, alguns exemplos interessantes, mas não vislumbrava uma experiência tão abrangente. No princípio da sua fala já fui percebendo pelo seu tom o nível de importância que ele havia dado àquele momento e, mais ainda, o modo como ele havia se preparado e elaborado um roteiro considerando “as incríveis modificações que ocorreram no sistema universitário brasileiro e que foram acompanhadas pela *sua* geração”. Falou ininterruptamente durante 46min10ss com muita empolgação e entusiasmo até esgotar o esquema que havia preparado. No decorrer desse tempo, continuei atenta, anotando algumas observações, pois se tratavam de fatos de uma história vivida que ao mesmo tempo se confundia com a história da formação universitária brasileira. O seu discurso seguiu apontando para o investimento e dedicação de muitos professores, inclusive o seu, que buscavam um nível de formação elevado. Atualmente, tais esforços são visíveis com a elevação do nível das pesquisas e da expansão universitária em todo o Brasil.

Para ele,

A iniciativa inicial de fazer o mestrado e o doutorado é apenas o pontapé inicial de um jogo que vai durar até os noventa anos de idade, enquanto os jogadores com trinta anos estão se aposentando, nós podemos ser historiadores e arqueólogos até os noventa anos de idade⁹.

As mudanças apontadas pelo professor se processaram no contexto dos últimos quarenta anos. Seu testemunho me fez recordar quando cursei o antigo segundo grau, especificamente o curso pedagógico. Inicialmente, tive resistência ao curso de magistério, mas acabei aceitando por não haver outras perspectivas mais interessantes fora dessa área. Como professora, havia a perspectiva de um emprego e, mesmo retornando para a minha cidade do interior em que havia apenas a escola de nível primário (atualmente fundamental menor), eu pretendia ir mais além: aproveitar o período de férias e poder fazer um curso fora.

Gostaria de retomar agora alguns elementos importantes da entrevista que foram apenas mencionados anteriormente. A pretensão é ressaltar alguns aspectos relevantes no itinerário de um historiador na dinâmica do aparelho universitário

⁹ Arno Alvarez Kern. *Entrevista concedida ao Núcleo de História Oral da PUCRS*. Porto Alegre- RS, mai. 2011.

brasileiro em razão da pluralidade de informações contidas não apenas nas suas palavras, mas também nos gestos e nas ênfases de sua fala em determinados aspectos.

A ênfase para “as incríveis modificações no sistema universitário brasileiro” que foram vivenciadas pela sua geração está repleta de exemplos que perpassam as mudanças relacionadas à própria formação intelectual do entrevistado como aluno, quando o mesmo se reunia com os colegas em grupos de estudo, que preparavam as próprias aulas tentando superar algumas lacunas da formação, uma vez que a maioria dos professores do curso de História não eram historiadores. Alguns anos depois, já trabalhando como professor dos cursos de graduação, Arno teve que somar esforços até mesmo financeiros para contratar professores estrangeiros - latino-americanos, espanhóis latino-americanos espanhóis e até norte-americanos - para vir ao Brasil ministrar aulas no Mestrado. Somente depois dessa iniciativa a universidade passou a custear os cursos, através de investimentos públicos no setor da formação universitária dos professores para oportunizar a formação em pós-graduação nas diversas áreas. O objetivo seria a capacitação de uma comunidade científica que pudesse responder às exigências da universidade e da sociedade brasileira. Como foi frisado por ele, esse é um aspecto da educação brasileira que ainda precisa ser escrito e, dessa forma, certamente será um capítulo diferencial no universo brasileiro da educação superior. Quando ele diz que “essas mudanças foram acompanhadas pela *sua* geração”, significa que eles foram os protagonistas daquele processo, procurando superar obstáculos, vencer desafios, propor mudanças e, muitas vezes, ser a própria mudança. O seu exemplo é um legado importante para nós e para as futuras gerações de professores universitários ou da educação básica. É preciso maior compromisso nas salas de aulas com os alunos.

Atualmente, a universidade brasileira é um referencial de alto nível de formação acadêmica, contudo, uma mudança urgente precisa ser ensaiada e conduzida na direção da comunidade e da sociedade em benefício da cidadania, o que se traduz no acesso de todos a uma educação de qualidade. Acredito que a universidade brasileira deve poder dar um salto qualitativo com ideias inovadoras para, em uma geração apenas, mudar a fisionomia da educação no Brasil. Como cidadã, devo me sentir responsável pela existência de cada analfabeto no meu estado ou país.

Arno pontuou ainda o modo como sua geração postulou a adequação da universidade brasileira aos parâmetros da atualidade, através da criação de novos cursos que respondiam às novas exigências acadêmicas da pesquisa, da extensão e da internacionalização da profissão. Nas áreas da História e da Arqueologia, tais elementos se tornaram evidentes na ampliação da área, com novos temas, novas metodologias, criação de laboratórios, abertura de novas frentes de pesquisa e possibilidade de compartilhar experiências por meio da organização dos historiadores em grupos de pesquisa e da promoção regular de eventos científicos. Consideramos esse contexto de vivências precursoras, de desafios, de confrontos e de empenho político dos professores como o lugar propício onde se teceu o metié do historiador/arqueólogo, e também onde se ultrapassou os limites geográficos dos territórios e do saber até então conhecidos. Arno rememorou um episódio bastante ilustrativo no caso seguinte:

Eu me lembro de um episódio em que o Lucien Febvre, historiador francês dava curso na Universidade em Buenos Aires e o Fernand Braudel, que é um dos historiadores franceses dava curso na Universidade de São Paulo. Os dois iam terminar o período dos cursos e ia voltar para reiniciar suas atividades na França, quando eles se preparavam para iniciar o ano escolar na França e os dois pegaram o mesmo navio. Quando o navio que Lucien Febvre vinha parou em Santos, Braudel subiu no navio e os dois tiveram uma semana de viagem até a França para preparar uma série de coisas, congressos, mais ou menos equacionar o tipo de História que eles queriam organizar pra França e discutir a Revista dos Anales¹⁰.

Nesse fato, podemos perceber como a postura precursora dos historiadores franceses de um novo tempo de fertilidade historiográfica germinava, e que um processo de ressonância mórfica ocorria nos campos da História. O importante também é perceber como essa dinamicidade continua ocorrendo frequentemente no espaço universitário, de modo a promover o conhecimento nos recantos mais longínquos do país e influenciando as novas gerações do século XXI.

Uma vida tecida com vários fios, de várias cores, com várias mãos e cérebros fervilhantes em múltiplas temporalidades que têm permanentemente abarcado gerações nos campos da História.

¹⁰ Arno Alvarez Kern. *Entrevista concedida ao Núcleo de História Oral da PUCRS*. Porto Alegre- RS, mai. 2011.

Ao longo da produção deste texto, assim como na realização da entrevista, as memórias evocadas pelo entrevistado suscitaram memórias profundas da entrevistadora, lembranças essas que se entrelaçaram e não houve como fugir ao ato de analisar e comparar. São tempos, espaços, circunstâncias e contextos distintos, mas que se entretêm quando a memória evocada relaciona-se ao processo de construção da educação brasileira de nível superior. Lamentavelmente, o mesmo nível de crescimento não tem sido perceptível na educação pública básica. Esta ainda está por ser reconstruída, e quiçá não demore tanto, pois estamos por demais decadentes.

Em relação à memória, o entrevistado rememorou os fatos importantes da sua formação acadêmica e nos últimos quinze minutos, as lembranças foram atingindo um nível maior de subjetividade: houve uma passagem leve, um relaxamento perceptível na fala, emoções e satisfação em recordar aspectos pessoais, familiares e particulares que se intercambiam profundamente com os aspectos profissionais externos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

9

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. “Teoria da História e Reabilitação da oralidade: convergência de um processo”. In: ABRHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *A Aventura (Auto) Biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Narrativa e história oral. In: *Humanas*, Porto Alegre, v.19/20, n.1/2 p. 115 -126 1996 -1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.) História oral: um inventário das diferenças. In: *Entre-vistas: abordagens e usos da História Oral* – R. De Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e Sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. “Projeto de História Oral”: In: *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MORAES, Roque & GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Editora Inijuí, 2007.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

PORTELLI, Alessandro. “Sempre existe uma barreira: a arte multivocal da história oral”. In: *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e voz, 2010.

KERN, Arno Alvarez. *Entrevista concedida ao núcleo de História Oral da PUCRS* em 26 de maio de 2011.